

**GUSTAVO
CERBASI**

**PAIS
INTELIGENTES
ENRIQUECEM
SEUS
FILHOS**



SEXTANTE

A meus queridos e preciosos filhos
Guilherme, Gabrielle e Ana Carolina, que para mim
dão todo o sentido à palavra “futuro”. E a Adriana, minha grande
companheira nesta jornada da vida, que para mim
dá todo o sentido à palavra “presente”.

Sumário

Introdução 11

1. Pais e filhos sabem lidar com o dinheiro? 18

Onde o problema começa 18

Por que jovens não sabem lidar com o dinheiro? 22

Você está preparado para educar seu filho? 25

2. Dá para contar com a escola? 30

A escola educa para a vida? 32

Pais presentes na educação escolar 35

Algumas escolas já se mobilizam 36

O professor é o ponto de partida 39

3. Como as crianças aprendem 41

“Não tem dinheiro? Então passa o cartão!” 43

O comportamento do grupo 46

O rigor das regras e da justiça 49

Liberdade é um patrimônio infantil 50

4. Seis princípios fundamentais na educação financeira 55

Princípio 1: VALORIZAR 57

O que tem valor não tem, necessariamente, um preço 57

Princípio 2: CELEBRAR 59

Celebrações reforçam as conquistas 59

Princípio 3: ORÇAR 61

Nem mais, nem menos. Seu limite é o que você tem 61

Princípio 4: INVESTIR 64

Juros recompensam os poupadores 64

Princípio 5: NEGOCIAR 68

Amigos, amigos, negócios à parte. Seu dinheiro vale mais na sua mão que na dos outros 68

Princípio 6: EQUILIBRAR 72

Vida rica é vida em equilíbrio 72

A geração acelerada 75

5. Seis atitudes fundamentais 77

Atitude 1: ENSINE TODOS OS DIAS 79

Aprendemos por repetição 79

Atitude 2: ENSINE COM DIVERSÃO 82

Aprendemos por prazer 82

Atitude 3: ENSINE PELO EXEMPLO 83

Aprendemos por inspiração 83

Atitude 4: ENSINE COM JUSTIÇA 86

Aprendemos por obrigação moral 86

Atitude 5: ENSINE COM HUMILDADE 88

Aprendemos também quando ensinamos 88

Atitude 6: ENSINE COM CARINHO 91

Aprendemos por amor 91

Como *não* se deve ensinar 93

6. Ferramentas para o aprendizado 97

Mobilização nas escolas 98

Quando o dinheiro surge na vida dos filhos 99

Condições para os filhos receberem dinheiro 102

O cofrinho voltou à moda 106

Mesada: o melhor instrumento? 108

O que é a mesada? 109

Mesada ou semanada? 112

Como negociar a mesada 113

- Mesada maior, mais responsabilidade – e vice-versa **117**
- Empréstimos e investimentos **119**
- Orçamento e mesada **124**
- Ferramentas dos bancos e outras instituições **127**
 - Conta-corrente e caderneta de poupança **128**
 - Fundos de investimento e clubes de investimento **130**
 - Planos de previdência **132**
 - Simulações de compra e venda de ações **134**
- Livros, jogos e brincadeiras que ensinam a enriquecer **136**
 - Aprendendo pela leitura **136**
 - Aprendendo pela brincadeira **138**
 - Aprendendo com vivências cotidianas **140**

7. Conversas mais maduras ao longo do tempo 142

- Maturidade para entender **144**
- Quando e como introduzir novos temas **146**
 - Renda **147**
 - Orçamento doméstico **148**
 - Investimentos e patrimônio da família **151**
 - Herança **153**
 - Negócios da família **154**
 - Seguros **156**
- Investimento na educação dos filhos: responsabilidade dos pais? **157**
- Filhos não são investimento **162**
- Emprestar para os filhos *versus* “paitrocinar” **163**

8. Filhos mais ricos 166

- O que os pais deveriam esperar dos filhos adultos **167**
- Riqueza da família **169**
- Doar é parte do sentido da riqueza **171**
- Todos ganham **172**
- Nunca é tarde para ajudar seu filho **173**

Introdução

*P*ais inteligentes enriquecem seus filhos é um projeto que nasceu no ano de 2006, com o título original *Filhos inteligentes enriquecem sozinhos*, em alusão ao meu best-seller *Casais inteligentes enriquecem juntos*. O jogo de palavras entre os títulos não era uma simples questão de marketing, mas sim uma crítica à equivocada postura dos pais, muito presente ainda hoje, de ambicionar a formação de reservas financeiras não para seu futuro, mas sim para garantir a moradia ou o primeiro carro dos filhos.

Um comportamento recorrente que observava entre as famílias que acompanhei como consultor era o de pais que percebiam, a certa altura, que seu esforço de poupança não seria suficiente para lhes garantir uma aposentadoria digna. Desesperançosos em relação ao próprio futuro, esses pais compensavam sua frustração com o argumento de que a insuficiente poupança poderia assegurar, no mínimo, a compra da moradia para os filhos e facilitar a vida deles. Esses pais supunham que, começando a vida financeira com menos dificuldades, seus filhos poderiam dar mais atenção ao próprio futuro e, com isso, evitariam repetir o erro dos genitores.

A atitude dos pais resultava em uma grande cobrança sobre os filhos, como se dessem o seguinte recado: “Não cuidei do meu futuro, mas estou dando uma forcinha ao seu. Não se esqueça de mim.” Na prática, pais que fazem isso estão jogando o abacaxi no colo dos filhos.

Daí vem a crítica deste projeto. Por mais que os pais não tenham cuidado de seu futuro como deveriam, sempre há algo a ser feito com o pouco dinheiro acumulado – montar um negócio familiar, por exemplo. Também, por mais que os pais queiram proporcionar a seus filhos *uma vida financeira mais tranquila*, muito pode ser feito pelos jovens se eles souberem, simplesmente, fazer escolhas inteligentes com seu próprio dinheiro, mesmo que seja pouco no início da carreira. Filhos financeiramente bem-educados serão capazes de construir sua riqueza e independência financeira bem antes da tradicional meta de aposentadoria aos 65 anos de idade.

Quando escrevi o texto original, no início de 2006, eu ainda não tinha filhos. A Adriana engravidou quando eu comecei a escrever o livro – sinceramente, não sei se isso foi mero acaso. Na época, minha intenção de escrever se baseava na experiência que tive com a consultoria, acompanhando famílias com filhos, recomendando e recebendo comentários e críticas sobre meus conselhos. As reflexões que exponho não são um simples exercício de intuição lógica, mas sim fruto de recomendações técnicas pautadas em profunda reflexão embasada em conhecimentos de economia, psicologia e sociologia. De certa forma, minhas recomendações vão além da crítica à atitude de pais e mães. Somo a esta crítica minhas ressalvas à visão puramente economicista, que sugere uma educação financeira baseada em conceitos matemáticos e racionais, pouco naturais para a intuitiva e emocional sociedade brasileira.

Após cinco anos, mudando a obra de editora, decidi revisar o texto e reforçar alguns argumentos que não surtiram o efeito que eu desejava. Acumulo também uma importante experiência que não tinha em 2006: três filhos maravilhosamente saudáveis, que já experimentam práticas sugeridas neste livro.

Confesso que educar meus filhos para o dinheiro tem sido mais difícil do que eu imaginava. Não que as sugestões que faço

– eu efetivamente as executo! – sejam inadequadas. Pelo contrário, percebi na prática que minhas orientações são pragmáticas e perfeitamente compatíveis com a necessidade de educar para outros valores fundamentais, como ética e cidadania. Em razão do sucesso do livro *Casais inteligentes enriquecem juntos*, sou obrigado a lidar com a fiscalização ininterrupta de amigos, parentes e vizinhos, sem trégua. Sinto como se todos os conhecidos pensassem “Vamos ver se, na prática, a teoria é outra”, procurando espeto de pau em casa de ferreiro. Não é fácil lidar com esse constante estado de vigilância. Além disso, há quem acredite que, por eu trabalhar com construção de riqueza, todos os presentes de meus filhos devam estar, de alguma forma, relacionados à minha atividade. É trabalhoso administrar, por exemplo, tios generosos que, juntamente com um porquinho, oferecem a minhas crianças uma nota de R\$ 50 – no aniversário de dois anos! Mas essa batalha em particular tem sido vencida com certa perseverança de minha parte.

É importante destacar que, mesmo após três filhos, não encontrei mudanças significativas a fazer em minhas teorias. Como expliquei, as mudanças mais evidentes aconteceram nos argumentos e em novos exemplos que colhi nesse período.

Pais inteligentes enriquecem seus filhos ainda é um livro feito para famílias e educadores que, após a estabilização da economia brasileira, começaram a perceber os bons efeitos da baixa inflação e do sistema financeiro mais seguro. A mídia tem dado grande atenção a essa nova preocupação das famílias brasileiras, que buscam entender de temas como investimentos, bancos, ações, imóveis, independência financeira e a busca do primeiro milhão.

O Brasil de hoje é um país maravilhoso para quem quer construir riqueza, mas muitos se questionam: por que não nos contaram isso na escola? Ou na faculdade? Não importa a idade em que um adulto tem contato pela primeira vez com boas

informações sobre dinheiro ou com um consultor financeiro. A impressão que temos é de que sempre despertamos tarde para o assunto. “Ah, se eu tivesse começado aos 18 anos...” é uma frase que ouço com muita frequência.

De fato, quem pensa assim está provavelmente certo. Seria bem mais fácil construir riqueza se começássemos cedo. Considero menos difícil convencer um estudante que recebe R\$ 600 mensais de bolsa-estágio a poupar 30% do que ganha do que convencer um chefe de família de 50 anos a poupar 10% da renda, se ele nunca cultivou o hábito de fazer reservas. A segunda tarefa é praticamente impossível. Esse adulto dirá que seus filhos estão na faculdade, precisam de livros e roupas, têm que comer bem, e, em função de necessidades tão fundamentais, a família está sempre vivendo sob restrições desagradáveis.

Mas adultos que têm dificuldades para lidar com dinheiro estão buscando respostas a seus problemas pessoais, ao mesmo tempo que sua mente alarmada os avisa que seus filhos podem ter um futuro bem mais próspero se a orientação adequada chegar no momento propício. Também pensam assim os adultos que, mesmo não tendo problemas financeiros, aprenderam a administrar suas finanças após duras lições aprendidas com perdas.

Neste livro, você verá como atitudes simples e ferramentas interessantes podem ser utilizadas para que seus filhos adquiram uma postura bastante saudável em relação ao dinheiro. Não proponho aqui um curso de matemática financeira nem de economia, mas sim um conjunto de métodos e ferramentas que, em meu trabalho como consultor financeiro, vejo funcionar de forma muito eficiente nas famílias e aplico na relação com meus filhos.

O texto refere-se frequentemente a pais e mães, mas levo em consideração que o livro será lido também por educadores, tios, padrinhos, avós e todos aqueles que resolveram assumir parte da responsabilidade de construir um futuro digno e próspero para

crianças frágeis mas espertas, que multiplicarão nossas heranças – não só financeiras, como também morais – no futuro. Não importa seu grau de participação na concepção da ou das crianças que o inspiram a ler este livro. Sua nobre preocupação merece ser adjetivada como maternal ou paternal.

Como venho de família de origem modesta, não contei com um berço de ouro para garantir presentes, brinquedos, cursos e livros com a abundância que meus pais desejariam. Mas o fundamental não me faltou: a riqueza não material – muito convívio familiar, momentos memoráveis, bons professores (nem sempre na escola), brincadeiras de rua e o amor infinito de pais, tios, avós, padrinhos e amigos.

Como sei que você, pai ou mãe, pode também garantir esse fundamental a seus filhos, acredito que a leitura das páginas a seguir será o primeiro passo para erguer um belo castelo de riquezas em sua família ou para perpetuar um patrimônio que vocês vêm mantendo ou construindo com perseverança e disciplina.

Por que começar cedo? Quanto poupar por mês,
na caderneta de poupança, para acumular até os
65 anos uma reserva de R\$ 100 mil em valores atuais¹

Idade	Aplicação Mensal
20	R\$ 102,81
25	R\$ 124,04
30	R\$ 151,85
35	R\$ 189,56
40	R\$ 243,11
45	R\$ 324,40
50	R\$ 461,17
55	R\$ 736,69

¹ No cálculo, considerei rendimentos reais de 0,2% ao mês.

Veja como a acumulação de poupança – uma forma de riqueza material – é menos sacrificante quando iniciada cedo. Quem almeja formar uma reserva de R\$ 100 mil para, digamos, iniciar um negócio próprio aos 65 anos precisa deixar de gastar R\$ 124,04 por mês dos 25 anos em diante. Se deixar para começar esse esforço aos 55 anos, terá que deixar de consumir R\$ 736,69 por mês, praticamente seis vezes mais, numa fase em que o custo de vida é bem maior.

Por que se educar? Veja como a escolha de um investimento que renda o triplo da caderneta reduz o valor da aplicação mensal para se atingir os mesmos R\$ 100 mil até os 65 anos²

Idade	Aplicação Mensal
20	R\$ 24,56
25	R\$ 35,80
30	R\$ 52,62
35	R\$ 78,32
40	R\$ 118,88
45	R\$ 186,23
50	R\$ 308,20
55	R\$ 568,01

Tomando alguns cuidados para assegurar uma rentabilidade um pouco melhor para seus investimentos, o esforço para formar poupança é bem menor. Repare como, para quem começa a investir aos 25 anos, o valor a poupar caiu de R\$ 124,04 para R\$ 35,80 por mês. A diferença, de R\$ 88,24, permite consumir mais e torna o ato de poupar menos sacrificante. Além disso, com rendimentos melhores nos investimentos, o efeito de longo prazo se intensifica: se você deixar para começar a poupar aos

² No cálculo, considerei rendimentos reais de 0,6% ao mês.

55 anos, o esforço terá que ser quase 16 vezes maior (R\$ 568,01/R\$ 35,80).

Escrevo meus livros porque acredito que começar cedo e da forma correta pode diferenciar um milionário de um endividado. Porém, deixar uma herança para os filhos não se resume a deixar um monte de dinheiro, mas sim ensinar-lhes a competência para cuidarem de seus próprios recursos. O papel dos pais é formar filhos que, quando adultos, não precisem deles. Por isso, convido-o a uma leitura tranquila e sem pressa, procurando absorver e colocar em prática cada um dos ensinamentos que preparei com este trabalho.

Boa leitura!

Pais e filhos sabem lidar com o dinheiro?

Onde o problema começa

Os motivos que trazem este texto às mãos de pais e educadores são certamente nobres. Preocupação com a segurança das crianças, percepção de que o caminho é mais fácil quando iniciado desde cedo e de que os ensinamentos sobre riqueza só foram incluídos há pouco tempo no currículo escolar talvez sejam alguns deles.

Contudo, reconheçamos os fatos. É muito provável que tal preocupação decorra de uma constatação alarmada de que é possível – você só não sabe como – levar aos filhos um bom punhado de orientações que, se estivessem a seu alcance em sua infância ou adolescência, teriam lhe permitido estar em situação financeira bem melhor hoje.

Como seres racionais, aprendemos com ensinamentos e com reflexões sobre nossos erros. E, no curso de sua vida até adquirir a maturidade, é provável que você tenha errado bastante em escolhas de consumo, de investimentos ou de financiamentos. Hoje, ciente dos erros que talvez tenha cometido, sabe que muitos deles se deveram à simples falta de referências, ou à influência de

amigos ou parentes, que evidentemente também erram, ou ainda à ausência de alguém a quem recorrer para esclarecer dúvidas sobre dinheiro.

Não é culpa sua. Seus pais, avós de seus filhos, não tinham condições de lhe ensinar muita coisa sobre planejamento financeiro, pois viveram a maior parte da vida em uma realidade bem diferente da de hoje. Antes da década de 1980, o forte crescimento das cidades brasileiras fazia da aquisição de imóveis uma regra universal para enriquecer. Após esse período, a sociedade brasileira mergulhou num ambiente de inflação fora de controle, época em que um trabalhador não tinha como prever qual seria seu salário no mês seguinte. Seus pais não podiam ensiná-lo a confiar em bancos, pois o sistema financeiro brasileiro era muito mais frágil até 1999, quando foram instituídas regras rígidas¹ para limitar o risco daquelas instituições. Não contavam com as numerosas e rentáveis alternativas de investimento de que dispomos hoje, nem com o enorme volume de informações financeiras que encontramos atualmente em jornais, revistas, televisão, rádio e internet, em grande parte sem custo nenhum. Obviamente, seus pais também não tiveram na escola noções de economia doméstica e enriquecimento. Muitos avós de hoje nem sequer tiveram a oportunidade de cursar uma escola!

Somemos a essa realidade o passado pobre do Brasil, que assistiu nas últimas décadas a uma interessante elevação no padrão de vida de grande parte da classe média. Muitos pais de hoje tiveram uma infância repleta de restrições financeiras. Mesmo que

¹ A Resolução nº 2.682/99, do Conselho Monetário Nacional, obriga os bancos a cobrir todo o risco de suas operações de crédito com provisionamentos de recursos em caixa. Em outras palavras, se algum cliente deixar de honrar as dívidas contraídas num banco, esse banco não deixará de honrar as obrigações com clientes que nele investiram. A mesma resolução define os procedimentos para apuração dos níveis de risco das operações e estabelece que o Banco Central do Brasil deve fiscalizar mensalmente o cumprimento das regras pelos bancos. Com isso, grandes bancos têm possibilidades mínimas de não conseguir honrar seus compromissos com clientes.

seus pais tenham tido a oportunidade de lhes assegurar um nível mínimo de conforto em termos de alimentação, vestuário, moradia, educação e saúde, é inegável que nossa classe média teve sua infância e adolescência menos consumista do que a dos jovens de hoje. Crescemos com uma sensação de “falta”, de privações, apesar do esforço constante e das conquistas de nossos pais.

Presentes eram menos frequentes. Crianças de hoje esperam muito mais do que celebrações de datas festivas. Esperam compensações, com presentes de significativo valor monetário, de todo o tempo que seus pais deixaram de dedicar à família em nome do trabalho. Na cabeça de muitas, o trabalho que afasta seus pais de seu convívio é o preço a pagar para ter muito dinheiro e poder comprar muitas coisas. Itens de luxo do passado, consumidos apenas em eventos especiais, como refrigerantes, salgadinhos e um sem-número de produtos industrializados, tornaram-se mercadorias de consumo cotidiano. As referências de consumo evoluíram.

Talvez uma das três reflexões a seguir tenha feito parte de sua infância ou adolescência:

Sobre a renda – *Papai sai de casa cedo todos os dias, ainda antes de o sol nascer, passa o dia inteiro fora e volta tarde, céu já escuro. Quando chega, nem tem tempo para falar com a gente, às vezes fica bravo com a mamãe, nem parece que gosta de estar em casa... Tanto sacrifício, e mesmo assim tudo é tão limitado, não dá para comprar muita coisa no mercado, não dá para ter a camiseta do meu time de futebol. Deve ser duro trabalhar tanto e ganhar tão pouco...*

Sobre o consumo – *“Pai, mãe, será que o Papai Noel vai me dar uma bicicleta de presente?”, perguntei uma vez. A resposta não foi exatamente a que eu gostaria de receber.*

Tudo bem que eu deveria ser uma criança bem-comportada, não fazer mal a nenhuma outra criança, respeitar os adultos e ir bem nas avaliações da escola. Mas por que meus pais disseram que, para o Papai Noel me trazer uma bicicleta, eu teria que abrir mão de meus presentes de aniversário e de Dia das Crianças? Tão poucas datas para ganhar presente e eu teria que sacrificar duas para conseguir realizar meu sonho?!

Sobre luxos – *Chegou o fim de semana. Sábado e domingo são especiais não só por serem os dias de descanso da escola. São dias de ver os avós, parentes, padrinhos e de passear. Isso significa ter alguns luxos que não temos durante a semana. Quem sabe meus pais comprem um picolé na praça... Se não comprarem, tudo bem, porque no domingo almoçaremos com vovô e vovó e eles nos darão balas e abrirão uma garrafa de refrigerante para dividir com todo mundo. Uma fartura!*

Muitas famílias de hoje ainda vivem a realidade mostrada nas cenas descritas anteriormente. Vida simples e regrada. Apesar de não faltar nada do que uma família precisa para estar bem, pelo menos na percepção das crianças não há grandes luxos como aqueles de que as famílias das novelas usufruem.

No entanto, uma parcela muito grande de nossa classe média enriqueceu juntamente com o país, aproveitando as oportunidades que surgiram com a abertura do mercado brasileiro e com a estabilidade da economia a partir de 1995. E, ao enriquecer, optou por rejeitar a vida um pouco mais simples de sua infância e decidiu correr atrás de um padrão de consumo mais elevado. Em outras palavras, decidiu batalhar contra aquela sensação de “falta” que permeou seus primeiros anos de vida.

A nova classe média quer satisfazer os desejos de seus filhos, mas faz isso de forma não planejada e sem medir as consequências.

Não há data certa para luxos nem para comemorações. Como o casal moderno trabalha, sobram poucos minutos por semana com a família, e esses poucos minutos devem ser transformados em celebração. Como trabalhamos muito e ganhamos muito mais, criamos a ilusão de que podemos compensar nossa ausência com a compra de bem-estar para os filhos.

Resultado: no passado, as crianças sentiam falta de mais luxos em sua família; por sua vez, as crianças de hoje, rodeadas de luxos, sentem falta da família. O pior é que muitos pais acreditam que suprem essa falta simplesmente por conseguir comprar tais luxos. Algo precisa mudar e você sabe disso.

No passado, as crianças sentiam falta de mais luxos em sua família. As crianças de hoje, rodeadas de luxos, sentem falta da família.

Por que jovens não sabem lidar com o dinheiro?

Adultos que criam filhos numa sociedade repleta de oportunidades profissionais para pais e mães acabam trocando boa parte da tarefa de criá-los pela oportunidade de incrementar ganhos e proporcionar um padrão de vida melhor à família. Por isso, acabam por confiar essa tarefa a babás, avós, professores e toda sorte de educadores. É uma troca difícil e dolorosa, mas muito bem-intencionada.

Mesmo as pessoas que passam a interagir com as crianças durante mais tempo que os pais delas podem ser bem-intencionadas. Mas as boas intenções, infelizmente, não suprem limitações próprias da formação dessas pessoas.

Minhas considerações sobre avós que viveram a maior parte da vida num ambiente financeiro turbulento e inseguro justificam meu alerta. Adultos também precisam esforçar-se para

aprender os benefícios do planejamento financeiro numa economia estável, pois essa realidade é novidade em nossa cultura. Some-se a isso a conhecida generosidade de muitos avós, que com presentes em excesso e flexibilidade nas regras – quaisquer regras! – tendem a formar jovens mimados e com uma falsa visão do sacrifício dos pais. Por mais que se esforcem em contrário, avós com esse tipo de costume tendem a mimar seus netos. Isso não é errado, desde que não sejam os avós as figuras mais presentes na educação dessas crianças. Por isso, na maioria das famílias, podem não ser as pessoas certas para iniciá-las nas finanças.

Também não podemos esperar milagres de babás ou quaisquer pessoas que se encarreguem do cuidado provisório dos filhos. A maioria das pessoas que desempenham essa atividade é de origem desprovida de recursos, o que provavelmente as privou de uma educação diferenciada em escolas privadas. É sabido que o ensino público brasileiro há décadas carece de qualidade para as disciplinas curriculares básicas. Não é sensato cobrar dessas pessoas uma capacidade inata de construção de riqueza. Quando a têm, são exceção. Se estão fora da média e com boa formação e discernimento para educar bem nossos filhos, são profissionais que demandam dos pais as ferramentas adequadas para cumprir bem seu trabalho. Se os pais não souberem o que e como ensinar a seus filhos, essas pessoas simplesmente não o farão no lugar deles.

Os brasileiros estão começando a entender o significado de planos de previdência, planejamento de longo prazo e investimentos para uma aposentadoria segura. Não é razoável esperar que um jovem profissional de qualquer área de ensino seja também um especialista em educação financeira ou construção de riqueza. As condições econômicas necessárias ao sucesso de planos de longo prazo surgiram somente após o Plano Real, nos anos 1990. Somos todos iniciantes nesse tipo de conhecimento.

Por tudo isso, não é sensato confiar totalmente a terceiros todo o desenvolvimento de nossos filhos. Avós podem suprir a noção de família ou a falta de carinho. Babás podem suprir as necessidades de asseio, organização e alimentação. Professores podem ensinar o plano curricular previsto por nosso arcaico modelo educacional e ajudar na socialização de nossos filhos. Outros profissionais podem ensiná-los a dançar, cantar, jogar, nadar e desenhar. Mas a tarefa de inculcar valores na vida de nossos filhos e de ajudá-los a administrar suas capacidades e seus ganhos financeiros compete aos pais.

Isso não é novidade para nenhum pai ou mãe, pois até hoje não tive contato com ninguém que tenha confiado ao professor ou à babá a tarefa de decidir quanto os filhos mereceriam de mesada. É um assunto intimamente relacionado ao padrão de vida e aos valores familiares, coisas que só a própria família tem condições de dimensionar.

Mas a maioria dos pais ainda não percebeu isso. Agem apenas por intuição. Isso faz com que a maioria dos jovens, seus filhos, sintam-se completamente desorientada quanto ao bom uso de mesadas, poupanças e presentes. Muitos aprenderão as regras a duras penas, após errar muito, como aprenderam os adultos que hoje se preocupam com seus filhos. Por isso, fico feliz com o fato de você, através deste livro, buscar soluções que ajudem a reduzir os erros de seus filhos. Sua atitude os fará lidar melhor com o dinheiro.

Uma semana antes da festa de aniversário de um sobrinho, perguntei-lhe o que mais gostaria de ganhar. Como ele iria fazer apenas quatro anos, eu não esperava nada absurdamente caro como resposta. Minhas expectativas se confirmaram. “Tio, o que mais quero é uma luva de beisebol, porque pedi um taco para meu pai!” Surpreendi-me um pouco com

a resposta, tanto pela simplicidade do pedido quanto pela originalidade – por que não uma bola de futebol, já que não se joga beisebol no Brasil? Ao chegar à festinha e entregar a luva de presente, vi que ela não teria mais utilidade. “Tio, vamos jogar o videogame que meus pais me deram?”

Aquilo me incomodou. Sem o taco, meu presente não teria utilidade alguma. Ao perguntar aos pais o porquê da escolha de um presente de algumas centenas de reais para um filho com expectativas bem mais modestas, a resposta foi: “Tinha que ver a alegria dele!” Contaram-me que só faltou o filho subir pelas paredes de tanta alegria. Na opinião deles, valeu cada centavo gasto.

Na minha modesta e econômica opinião, uma criança sobe pelas paredes de alegria até mesmo quando seus pais a levam para a beira de um lago, com um pão na mão, para dar de comer a peixinhos e patos. Alguns meses depois, ao visitá-los, percebi claramente os efeitos de uma má escolha. Os pais estavam frustrados. “Ele não desgruda do videogame!” era uma das queixas. “Toda vez que queremos sair de casa, ele impõe a condição de comprarmos um novo jogo para o videogame.” Os pais estavam desesperados. Culpa da criança?

Você está educando seu filho para o dinheiro ou simplesmente para o consumo?

Você está preparado para educar seu filho?

Um passo importante para instituir no lar um clima propício à conversa e ao aprendizado sobre dinheiro é identificar as barreiras impostas a tal clima pelos próprios pais. O teste que apresento a seguir relaciona algumas questões e ferramentas importantes para a educação financeira de crianças e adolescentes. As próprias

alternativas oferecidas já o induzirão a entender alguns aspectos essenciais ao bom aprendizado sobre finanças. Assinale ou anote numa folha de papel as respostas a cada pergunta, com sinceridade. Em caso de dúvida ou quando determinada situação não se aplicar a sua família, escolha a alternativa que mais se aproxima de sua realidade ou aquela que você acredita que aconteceria em situação semelhante em seu lar.

1. Quanto ao tempo que dedico a meus filhos:

- a) venho dedicando pouco tempo a meus filhos e sei que preciso mudar isso;
- b) por ser escasso, dedico-me exclusivamente a brincadeiras e convivência ou exclusivamente a orientações quanto a suas tarefas escolares;
- c) consigo equilibrá-lo com atividades tanto de lazer quanto de apoio ao desenvolvimento e à educação.

2. O aprendizado de meus filhos sobre dinheiro hoje depende:

- a) do conteúdo e das atividades ensinados na escola;
- b) da escola e da observação de meus filhos em relação aos hábitos das pessoas que os rodeiam;
- c) além do que aprendem fora de casa, da forma bastante ativa com que procuramos enfatizar informações importantes e tirar lições das diversas situações cotidianas.

3. Pensando num cofrinho ou em outra forma de guardar dinheiro cuja acumulação dependa essencialmente da disciplina dos meus filhos, posso dizer que:

- a) eles não têm ou nunca tiveram;
- b) têm ou já tiveram, mas nunca demos muita atenção a isso;
- c) têm ou já tiveram, e eles periodicamente fazem compras com o que conseguem acumular.

4. *Quanto a minha vida financeira pessoal:*

- a) está uma bagunça, desequilibrada, eventualmente ou sempre com dívidas, ou com pouca ou nenhuma reserva financeira;
- b) tirando um ou outro deslize, consigo manter-me equilibrado, sem dívidas, mas também sem reservas financeiras;
- c) mantenho um controle financeiro pessoal disciplinado, com anotações de meus gastos, um razoável pé-de-meia e alguns planos traçados para adquirir bens no futuro.

5. *Quanto às conversas em família sobre dinheiro:*

- a) em casa não é comum conversarmos sobre dinheiro;
- b) quando tratamos de dinheiro, procuramos preservar as crianças e mantê-las longe da conversa;
- c) as crianças participam de praticamente todas as conversas sobre planos e gastos da família, até contribuindo para nossas escolhas.

6. *Quando vou com meus filhos ao shopping ou a qualquer situação de compra:*

- a) eles fazem questão de adquirir algo de presente para si também e, se não levam, fazem um grande escândalo ou ficam emburrados;
- b) apesar de eles serem controlados e saberem quando a ida ao shopping é para comprar algo para eles ou não, eventualmente voltamos brigados pelo fato de o desejo deles não ter sido atendido;
- c) eles não cultivam expectativas de adquirir presentes fora de época, o que faz de cada ida ao shopping com as crianças uma rotina sem problemas.

7. *Ao comprar jogos e livros para meus filhos:*

- a) deixo a cargo deles a opção pelo item favorito;

- b) procuro adquirir produtos que enfatizem a diversão, afinal serão utilizados em momentos de lazer;
- c) busco sempre um conteúdo educativo, vasculhando atentamente as informações a respeito e evitando comprar itens que nada tenham a contribuir para a criatividade, o raciocínio ou o conhecimento.

8. *Quanto ao interesse de meus filhos por dinheiro:*

- a) não há muito interesse ou eles ainda são jovens para isso;
- b) eles demonstram curiosidade, às vezes com questionamentos interessantes;
- c) eles são extremamente atentos ao dinheiro, fazem questão de participar das atividades de compras, procuram guardar sempre que possível e não perdem uma oportunidade de conseguir algum trocado extra.

9. *Quando sou subitamente interpelado por meus filhos sobre questões relativas ao dinheiro:*

- a) fujo do assunto ou evito aprofundar-me nas explicações, por entender que ainda é cedo para falar de dinheiro com eles;
- b) explico de forma simples, em poucas palavras, e depois falo que, quando eles começarem a ganhar dinheiro, entenderão melhor o que quero dizer;
- c) interrompo o que estou fazendo, ou peço alguns minutos para concluir a atividade, e então me organizo para abordar longamente a dúvida levantada, até que eles se sintam satisfeitos com a explicação.

10. *Estou lendo este livro porque:*

- a) ele me foi presenteado ou recomendado por alguém;
- b) deparei com ele na prateleira da livraria ou em alguma fonte de informação e achei o tema interessante;

- c) estou há algum tempo profundamente interessado em preparar meus filhos para uma vida mais rica e estava procurando ajuda.

Pontuação

Atribua, para cada resposta:

a, 1 ponto;

b, 2 pontos;

c, 3 pontos.

Resultados do teste

10 a 15 pontos: a relação entre você, seus filhos e o dinheiro é muito pobre. Por dificuldades que você provavelmente tem no trato com o dinheiro, seus filhos podem estar se encaminhando para um futuro sujeito a tropeços e endividamentos. Por sorte, é possível fazer muito pelo futuro dos filhos, seja qual for a idade em que iniciamos, e o livro que você tem em mãos pode ajudá-lo nessa tarefa.

16 a 25 pontos: aparentemente você e seus filhos têm uma relação saudável com o dinheiro, mas com boas oportunidades de melhoria. Falta diálogo sobre o assunto e, por isso, a adoção de algumas práticas didáticas pode iniciar um intenso desenvolvimento dos conhecimentos financeiros de seus filhos, uma vez que eles não demonstram total desinteresse pelo assunto.

26 a 30 pontos: parabéns! Você vem criando uma rica relação entre seus filhos e o dinheiro. Contudo, nunca é demais adquirir novos conhecimentos e ideias para fortalecer nossas qualidades, por isso a leitura deste livro pode ajudá-lo a focar melhor suas orientações.

Autoconhecimento é fundamental para transformar uma realidade.

Informações sobre os próximos lançamentos

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
ou siga-nos no Twitter @sextante.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e
poderá participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@esextante.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @sextante.

EDITORA SEXTANTE

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br